



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9801 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT24 - Educação e Arte

CINEMA NA ESCOLA: O GESTO DE PRESTAR ATENÇÃO AO MUNDO COMO EXERCÍCIO EDUCATIVO-FILOSÓFICO

Andreza Oliveira Berti - UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

CINEMA NA ESCOLA:

O GESTO DE PRESTAR ATENÇÃO AO MUNDO COMO EXERCÍCIO EDUCATIVO-FILOSÓFICO

RESUMO: Mobilizada pelas questões levantadas pela 40ª Reunião Nacional da ANPEd, acerca da temática *Educação como prática de Liberdade: cartas da Amazônia para o mundo!*, cuja pluralidade de atores realça o caráter dialógico das nossas ações acadêmico-políticas, este trabalho se circunscreve no campo escolar, na interface com o Grupo de Trabalho *Educação e Arte*, tendo como objetivo apresentar as reverberações de uma investigação de doutorado desenvolvida em um Programa de Pós-Graduação em Educação de uma Universidade Pública. Evidenciando como pressuposto metodológico a abordagem qualitativa, a pesquisa como experiência e a experiência como caminho, a qual permite o exercício do pensamento – porque quando algo nos acontece, nos colocamos a pensar, ou voltamos a pensar sobre as coisas que nos afetam. As implicações a propósito do trabalho com o cinema nas escolas foram sinalizadas no resultado da pesquisa, repercutindo (atualmente) em torno da questão de como o cinema na escola pode convocar os estudantes a prestarem atenção às coisas do/no mundo.

Palavras-chave: Cinema-educação; Escola; Atenção.

Plano geral: anunciando a problemática

Considerando todo o trabalho que estamos realizando cotidianamente dentro das escolas e universidades, com a perspectiva de contribuir para a produção de conhecimento no campo educacional, este trabalho manifesta como primeiro gesto a defesa da educação pública, gratuita, laica, democrática e, sem dúvidas, a *prática de liberdade*.

Como em um plano panorâmico da cena, este texto apresenta ressonâncias de uma pesquisa de doutorado desenvolvida entre os anos de 2013 e 2016. A problematização constante da forma como o cinema entra na escola e quais gestos pedagógicos podem revelar para nós professores, atravessou o percurso da investigação. Para além da decodificação e interpretação dos signos cinematográficos, elegemos como um importante processo educativo,

despertar o interesse pelo mundo, para uma abertura ao mundo, a partir de uma experiência de se fazer cinema na escola. Partindo da premissa de que a escola é um espaço potente de formação, de invenção e de encontros dos/as estudantes com o cinema, crendo que a arte cinematográfica deva “ser exposta sem risco aos jovens” (BERGALA, 2008, p. 98).

Neste sentido, o meu percurso formativo como professora-pesquisadora é atravessado por questões que buscam assinalar a educação, desde o ponto de vista do “escolar”, no diálogo constante com perguntas centrais para qualquer pesquisa no âmbito da educação (o que é a educação?), da escola (o que faz com que a escola seja realmente uma escola?) e, adicionando o campo do cinema-educação, a partir do conceito de alteridade, (o que o cinema, como bem comum, convertido em gesto pedagógico, é capaz de suscitar como forma de atenção às coisas do/no mundo), sob o prisma pedagógico dos exercícios cinematográficos.

Sem perder de vista as questões acima e, diante das reverberações que auxiliam na reflexão sobre as formas de se trabalhar com o cinema nas escolas, continuo dando voltas ao pensamento em torno da indagação de como o cinema na escola pode convocar os estudantes a prestarem atenção às coisas do/no mundo?

Plano médio: desenvolvimento

Ao friccionar pensamentos e experiências para a elaboração de um resumo expandido para um evento que, em função do contexto da pandemia, será realizado de forma *online*, apresento como proposta um recorte dentro do campo “Cinema e Educação”, com o objetivo de *dar a ver* um elemento de pulsão que vem se revelando cotidianamente, a partir da condição de estar “fora-de-posição”, deslocada, em uma busca incessante por prestar atenção às coisas do/no mundo. De um mundo enquadrado pelas plataformas digitais, mediado por janelinhas de conversação (com imagens e áudios nem sempre revelados), abarrotados de *links*, abas e convocações que acabam por produzir mais distração do que atenção. Em um vai-e-vem entre a atenção e a distração, neste “continuum no qual as duas fluem incessantemente de uma para a outra, como parte de um campo social em que os mesmos imperativos e forças incitam ambas” (CRARY, 2013, p. 75).

No movimento de revisitar, de pensar sobre/com as coisas que me afetam, de tornar a pensar sobre/com as perguntas que surgem por meio da experiência educativa, é que destaco o gesto de prestar atenção ao mundo, de prestarmos atenção às coisas do mundo, como um gesto extremamente potente, uma vez que demanda uma mirada atenta aos acontecimentos na relação educativa entre objeto (de conhecimento) e estudantes. Ao requerer esse olhar atento, enquanto professores, aprendemos sobre o nosso próprio exercício docente. Problematicamos a nossa prática, revemos procedimentos e seguimos estudando. Nesse sentido, a atenção exige esforço e exercício contínuo.

Partindo da premissa de que o gesto de prestar atenção ao mundo passa pela responsabilidade docente de chamar a atenção para um assunto comum, para algo que merece ser visto com cuidado; o cinema se afirma como materialidade, como o que está no meio, entre professores e estudantes. O cinema, com suas palavras, sons e imagens, revela coisas do mundo e produz uma vinculação com este. Ao chamar a atenção para algo do mundo, como quem convida a revelar um segredo/mistério, antes ocultado, anunciamos nosso posicionamento ético, político e estético no mundo, à medida que convocamos sensações, pensamentos, conhecimentos e afetos para um tema comum.

Por meio de exercícios cinematográficos, o/a estudante tem a possibilidade de prestar atenção no mundo, isto é, cada estudante pode ser convidado a olhar com o máximo de

cuidado, demorar-se sobre as coisas, diminuir o passo, interromper o olhar, tornar a ver, perceber nuances e reparar em detalhes. Ora, se o gesto de prestar atenção às coisas passa pelo despertar do interesse (provocado pela presença do professor, pela forma como ele apresenta e proporciona exercícios de relações com o conhecimento) e pelo inesperado, partindo do pressuposto de que não há aprendizagem sem experiência, a escola constitui-se como *espaçotempo* do estudo, por oferecer a oportunidade de os/as discentes terem acesso aos conhecimentos sócio-historicamente acumulados e dedicarem tempo (e esforço) aos assuntos comuns.

Por um lado, o gesto de atenção está intimamente ligado ao dar-se tempo (para assistir a filmes, por exemplo). Por outro lado, esse mesmo gesto de atenção igualmente convoca certa maneira de buscar, de pesquisar situações, lugares e pessoas, na procura de *acontecimentos* para filmar. Requer, também, selecionar, dentro de tantas possibilidades, o que será *dado a ver* na tela e, uma vez escolhido, pensar a forma como essa temática será revelada, a maneira a qual o mundo será organizado cinematograficamente.

Deste modo, podemos pensar que a tríade cinematográfica ver-fazer-ver torna pública a relação de atenção com o mundo. Na potência de estar e fazer-se presente no mundo, as escolhas ético-estéticas (e técnicas) anunciam que tipo de relação o/a estudante tem com as imagens em movimento. A distância que separa o ato de pressionar o *Rec* da câmera para iniciar a gravação e o *Play* para ver o filmado, é atravessada por instantes de espera: expectativa de que o planejado na ocasião da eleição do que *dar a ver* aconteça, junto com a espera do momento exato para apertar o botão *Rec* (tempo totalmente desmedido). Uma vez gravado, a materialidade filmica revela um mundo alterado, portanto, inventado. O mundo não voltará a ser mais daquela maneira. No entanto, ao pressionar o *Play* para ver o exercício, o filmado mostrará o que foi capturado naquele instante – que somente voltará na forma de materialidade filmica.

Por consequência, a curiosidade pode despertar uma tomada de atenção às coisas do mundo, desdobrando-se em estudo. A escola é esse *espaçotempo* capaz de provocar encantamento por algo. Cada situação pedagógica pode conectar distintos fios de sentidos para a construção de um significado educativo, de um conhecimento escolar e de um conhecimento sobre o mundo.

As ideias encadeadas e compartilhadas nessa proposta trabalham com o arcabouço conceitual de Masschelein e Simons (2014), tendo como embasamento teórico-prático a defesa de que uma escola, ou o que faz com que uma escola seja uma escola, é o oferecimento de um tempo livre, na medida em que suspende um ciclo de produtividade econômica que acentua a desigualdade dos mais diferentes tipos, alimentando sombras do passado ou expectativas desanimadoras para o futuro. A escola entendida, portanto, como território de emancipação, uma vez que permite que qualquer um, independente da sua condição social e cultural, a despeito de sobrenome, cor de pele, “dons” e “méritos”, possa estar na escola, interrompendo e friccionando o tempo. Estando na escola, meninos e meninas podem se interessar por alguma materialidade que os vincule ao mundo. Não seria, então, o exercício cinematográfico experienciado na escola, convertido em exercícios escolares, capaz de despertar o interesse de crianças e jovens por um assunto comum?

Primeiro plano: metodologia

A opção metodológica pela pesquisa qualitativa pressupõe entender as características específicas de investigações que focam os processos interativos nas relações humanas, percebendo ainda, o “inacabamento” como marca da investigação educativa, sob o ponto de

vista da experiência.

Nessa direção, a metodologia da/na experiência, revela uma escrita singular e, ao mesmo tempo, coletiva. Uma narrativa, às vezes, em primeira pessoa do singular, outras em primeira pessoa do plural. Uma composição, predominantemente, justaposta, como no caso da fusão dos campos cinema-educação. E, ocasionalmente, aglutinadora de outros conceitos que ora ocupam o território cinematográfico, ora o educacional. Por ser a experiência algo que “nos acontece”, e “isso que nos passa” (Larrosa, 2011) – que também significa algo que não sou eu, isto é, alguma coisa acontece comigo, mas não depende inteiramente de mim –; é o que permite-nos seguir trilhando e entrelaçando conhecimentos, pensamentos, sensações e afetos.

Plano detalhe: análises

Despertar interesse. Talvez seja essa a nossa única “função” na escola. Despertar interesse por algo do mundo, algo comum. No sentido do *Mestre Ignorante* (RANCIÈRE, 2002), em que fica claro que na relação pedagógica, entre professores e estudantes, a autoridade educativa está em algo do mundo, em uma *terceira coisa* (RANCIÈRE, 2010), que convertemos em “conteúdo escolar”. Sim, a literatura, poesia, contos, gramática, músicas, filmes, teatro, álgebra, geometria, aritmética, geografia física e política, história geral e do Brasil, ciências naturais físicas e químicas; todas estão no mundo, formam parte do nosso mundo (sistematizadas em livros e em tantos outros dispositivos tecnológicos modernos e contemporâneos), transformados em inúmeras possibilidades de exercícios na escola, apresentando-se como matéria de estudo.

Retomando pistas da pesquisa, os exercícios escolares abordados foram atravessados com/por exercícios cinematográficos que foram capazes de provocar interesse por alguma coisa, descentrando do aspecto *ensimesmado* do/a estudante – que se aproxima da relação pedagógica explicitada na obra *Mestre Ignorante*, onde a autoridade educativa está no objeto (livro, câmera, exercícios, etc). Para Rancière (2002), a forma a qual o professor se aproxima do objeto, a maneira pela qual se faz presente na relação entre o objeto (de estudo) e o/a estudante, “liberando a inteligência” do *aprendiz* para que se conecte com a matéria e, concentrando a atenção nela, construa o seu próprio caminho, será realizada sempre na companhia do *mestre*.

Ao abrirmos os nossos olhos e observarmos o mundo de maneira atenta, essa atitude de atenção com o mundo pode nos expor ao mundo, no mesmo momento em que nos revela alguma coisa dele. Por esse motivo, a educação que assume como premissa tornar o estudante atento, potencializa a experiência, expõe o sujeito a ponto de que o mesmo possa estabelecer relações não representacionais com o mundo, com o outro e consigo mesmo. Nesse sentido, estar atento ou “abrir os olhos” para o mundo, revela uma forma de se relacionar com o presente que impulsiona um movimento (em direção ao mundo). Exige um deslocamento de si (de quem somos) para o mundo (onde estamos).

A atenção abre a possibilidade de estar na presença de algo interessante e comum – tanto ao professor quanto ao estudante. Deslocando o docente do seu papel de “vigia do saber”, realocando-o no território do *comum*, do assunto que é de qualquer um, para ser apreciado por todos, demandando a todo o momento uma presença plena (e cuidadosa) diante do objeto (de conhecimento).

Plano sequência: (in)conclusões contínuas

Ao prestar atenção ao mundo, os/as estudantes são convidados/as a demorar-se sobre as coisas, olhar com o máximo de cuidado, diminuir o passo, interromper o olhar, tornar a ver, com o intuito de perceberem nuances e detalhes do mundo. Ora, se o gesto de prestar atenção às coisas, passa pelo despertar do interesse (provocado pela presença do professor, pela forma como ele apresenta e proporciona exercícios de relações com o conhecimento) e pelo inesperado, partindo do pressuposto de que não há aprendizagem sem experiência; a escola constitui-se como *espaçotempo* do estudo, por oferecer a possibilidade de os/as alunos/as se dedicarem a alguma materialidade do mundo.

Por último, apresentamos a tese formulada na pesquisa e, ainda com tons de ressonâncias, de que a presença do cinema na escola revela um gesto pedagógico de prestar atenção ao mundo. Ao colocar algo do mundo em destaque para que os/as estudantes prestem atenção – aqui, o cinema –, a escola pode despertar o interesse dos/as estudantes para alguma materialidade do mundo. Há, portanto, uma grande responsabilidade desse *espaçotempo* em provocar o interesse por alguma coisa que valha a pena se dedicar, estudar, prestar atenção, estabelecer uma relação atenta com o mundo. Como bem comum público, as coisas do mundo (produções científico-artístico-culturais, por exemplo) estão disponíveis para qualquer um, todos têm acesso a elas, todos compartilham entre todos.

Referências

BERGALA, Alain. **A hipótese-cinema**: Pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola. Rio de Janeiro: Booklink; CINEAD-LISE -FE/UFRJ, 2008.

CRARY, Jonathan. **Suspensões da percepção: atenção, espetáculo e cultura moderna**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.19, n. 2, p.4-27, jul./dez. 2011. sa (2011)

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola: uma questão pública**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

RANCIÈRE, Jacques. **Mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.